

A VIDA “ENTRE OS ATOS”, DE VIRGINIA WOOLF

LIFE “AMONG ACTS” BY VIRGINIA WOOLF

Daniela Coelho do Nascimento

<https://orcid.org/0000-0002-9800-7424>

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-BR
dany.cn33@gmail.com

Resumo: Neste artigo faremos uma reflexão do significado da biografia, concatenado à obra do autor. O gênero da biografia é tratado desde informações específicas aos relatos da vivência de Virgínia Woolf. A obra “Entre os Atos” aparentemente possui traços biográficos dessa autora a serem analisados. Pensar os relatos de vida e encontrá-los, na obra do autor, é o objetivo desse trabalho. Definir o gênero biográfico e acompanhar as vicissitudes da vida dessa autora, perpassando por momentos dolorosos a de felicidade, é a nossa intenção. Identificar, no livro “Entre os Atos”, a história dessa autora, a sociedade da época e, também, o sofrimento assolado de um pós-guerra vivenciado pela autora, compõe ainda nosso objetivo. Através de uma pesquisa bibliográfica, perceber uma possível referência a esses momentos. A busca feita, nos diários, por registros, colabora para atestar a veracidade dos fatos. Leituras de biografias e outros trabalhos para condensar o tema desse artigo e prescindir o objeto de estudo foram realizadas. Por fim, a literatura, aqui, é vista, ao contar a história social da era vitoriana. Biografia e obra do autor podem ser interligadas e, para descobrir essa relação, ler sobre a vida do autor é primordial.

Palavras chave: Biografia; Virginia Woolf; “Entre os Atos”.

Abstract: *In this article, we will reflect on the meaning of the biography, linked to the author's work. The genre of the biography is treated from specific information to the reports of Virginia Woolf's experience. The work “Between the Acts” has biographical features of this author to be analyzed. Thinking about the life stories and finding them in the author's work is the objective of this work. Defining the biographical genre and following the vicissitudes of this author's life through painful moments and happiness is our intention. To identify in the book “Between the Acts” the history of this author, the society of the time and the devastated suffering of a post-war, also composes our objective. The course of this article will be based on bibliographic research for reading the work through the perception of moments experienced by the author. The search made in the diaries for records helps to attest to the veracity of the facts. Readings of biographies and other works to condense the theme of this article and dispense with the object of study were carried out. Finally, the literature here is seen when telling the social history of the Victorian era. The author's biography and work can be linked and to discover this relationship, reading about the author's life is paramount.*

Keywords: *Biography; Virginia Woolf; “Between the Acts”.*

Introdução

Uma biografia é mais do que relatar fatos da vida de alguém. É pesquisar e lançar a mão na escrita da trajetória única, formada por um indivíduo. Descobrir e reunir os fatos

sobre uma pessoa, dando a ela o valor da individualidade é biografar. Identificar aspectos biográficos, na obra de um autor, significa dizer já está inteirado da experiência singular vivida por aquele autor e a vida retratada no livro já se tornou conhecida.

Relacionar, biografia e obra, como meio de reflexão, no que tange ao pensamento do autor, à sociedade e à história da época vitoriana da obra, induz a uma leitura minuciosa e uma concepção fiel à identidade do livro. Isso mostra o reconhecimento do estudo da biografia e sua aplicação na leitura de uma obra.

A leitura de uma obra implícita sobre a existência única de uma pessoa consegue ser instigante, à medida do saber acerca do escritor. Ler uma obra da biografia do autor, escrita nas entrelinhas, sem percebê-la, faz o leitor indiferente ao enredo da história. A produção de um leitor apático à obra colabora para a formação de uma camada superficial entre o leitor e obra. O crescimento pessoal, após uma leitura aparente, deixa de ser tão enriquecido. O ponto inicial que será discutido aqui é sobre a leitura de uma obra com caráter bibliográfico, a partir do conhecimento da própria bibliografia do autor.

Compreender o gênero biográfico, como ponto inicial para leitura de uma obra, subentendida também como biográfica, é a finalidade desse trabalho. O conceito da biografia, por identidade descrita pelas ações do biografado, também será percebido aqui. A interpretação da obra do autor, pela representação da reunião de sua história, em âmbito social, vivido por esse, é uma das razões a serem estudadas nesse artigo.

A vida de Virgínia Woolf concerne inúmeros estudos na qual apresentados nesse artigo. A sua personalidade enigmática, o forte feminismo, a forma de uma boa escrita e intelectualidade, a liberdade de lutar pelos seus direitos e até o oposto de sentimentos depressivos com a sua vontade de viver, o máximo que conseguia foi a estrutura desenvolvida nesse trabalho. A reunião da vida de Virginia Woolf com a escrita do livro “Entre os Atos” serviram como recurso adotado no decorrer desse texto.

O método de análise do diário remetido à biografia também é utilizado para constatação das ideias discutidas nesse estudo. A discussão sobre o significado de biografia,

debatido nessas considerações introdutórias, adequa-se a essa realidade para ser ferramenta da nossa base teórica.

A era vitoriana

O duradouro reinado da rainha Vitória, durante o século XIX, nomeou o que chamamos de período vitoriano ou era vitoriana. A data prevista para esse reinado, 1837 a 1904, e as barreiras britânicas não foram suficientes para demarcar o tempo e local à influência vitoriana. A maioria dos países ocidentais, por um período de tempo, além do que foi marcado, receberam essa influência. A arte e literatura eram pautadas no modelo dessa época, assim como indústrias.

Os avanços tecnológicos, na indústria, estavam presentes nessa era e, rente a esses avanços, havia um outro lado obscuro, com doenças e mortes. Além disso, a discussão de direitos, entre o sexo masculino e feminino, era quase inexistente. A mulher era considerada uma criatura do lar, não tinha direito à educação que não fosse a domiciliar. A própria rainha da Inglaterra, em contraponto a sua natureza feminina, contribuía para a propagação do machismo. Durante o século XIX, a mulher era vista como ser desprotegido e precisava se esconder, dentro do lar, e deixar o espaço público ser dominado por homens. Aspectos como a vestimenta reforçavam essa ideia, uma vez que, a vestimenta feminina contribuía com o papel de cobrir o corpo da mulher e representar uma figura recatada. Enquanto o traje masculino, simbolizava apenas um homem de classe. A literatura acompanhava essa ideia de visibilidade, do interno e do externo, a personalidade das pessoas e o modo como se comportavam, perante a sociedade.

Moral e bons costumes se faziam presente, e com isso, a educação e a saúde eram responsáveis por controlar os desejos sexuais de meninos e meninas. A sexualidade era o prenúncio de doenças e a instrução para abrandar a vontade era o antídoto para manter a saúde

corporal e mental. A resposta da sociedade a esse regime totalitário era violenta, e assim, a prostituição entrou na sociedade europeia. Como resultado de tal violência, a expectativa de vida era pequena e contribuía para naturalizar a morte e designar até a cor preta para o luto (SANTANA; SENKO, 2016).

Tradicionalismo e conservadorismo predominaram na era vitoriana em meio a pequenas mudanças. A literatura e a arte denunciavam a submissão feminina, na qual, a luta contra essa submissão começou na passagem desse período.

Breves trajetórias da vida e escrita de Virgínia Woolf

Em 25 de janeiro de 1882, nascia Adeline Virginia Stephen que, depois de casada, se tornaria Adeline Virginia Woolf, em South Kensington, Londres, no Reino Unido. Como costume da época, os pais de Virginia Wolf, Leslie Stephen e Julia Duckworth Stephen, educaram-na, em casa, assim como a irmã Vanessa Stephen. O conhecimento chegava para ambas através de seus pais e em experiência com outros adultos que conviviam, pela observação do ambiente que estavam, por pesquisas e leituras, na biblioteca da família. Virginia costumava contar destacáveis estórias, em encontros familiares e, logo ganhando notoriedade, passou a escrevê-las para o jornal da família.

A infância de Virginia foi marcada por colorido e leveza de um lugar que lhe rendera, para sempre, boas lembranças e lhe serviram como substância suave para fomentar sua obra. Era durante as férias de verão, em família, que usufruíam desse lugar, na província inglesa de Cornwall chamado St. Ives. Esse paraíso da sua infância poderia ser acessado e registrado através da escrita. A infância de Virginia, e até o fim da sua vida, tinha registros desse litoral, por toda sua vida, possuía atração pelo mar. A passagem narra uma personagem, em situação de seu cotidiano, usufruindo da água de um tanque de nenúfares:

A ajudante de cozinha refrescava o rosto no lago dos nenúfares antes de começar a lavar a louça. Sempre houvera nenúfares ali, nascidos espontaneamente de sementes trazidas pelo vento, flutuando alvos e rubros sobre os discos verdes das folhas. [...]

Sob essa densa superfície de águas boiavam peixes vítreos, dourados com manchas brancas, listras negras ou prateadas [...] (WOOLF, 2008, p. 53).

Ainda na infância, Virgínia passou por um trauma que culminou na aversão a espelhos, quando seu meio irmão Gerald ergueu-a, acima de um móvel que possuía um espelho para explorar as partes íntimas do corpo dela. Abuso que foi repetido inúmeras vezes, tanto a Virgínia como também à irmã, Vanessa. O trauma desses abusos foram provocando em Virgínia um desconforto com seu corpo, ao ser observada por outros. Desses abusos surgem os primeiros distúrbios comportamentais.

O feminismo de Virgínia é originado, desde cedo, ainda no seu lar familiar, por não conseguir entender a submissão de sua mãe a seu pai. A mulher, para Leslie, era o símbolo dos bons valores e alicerce da família. E este, para Virgínia, foi um dos principais motivos para morte precoce da sua mãe, ainda aos 49 anos, para Virgínia, a mãe se consumiu em ser dona do lar. Uma mulher, descrita por ela, que não deixou nada de memorável, além de estar presente na memória dos seus filhos.

Virginia sofre na adolescência por ver o desentendimento dos pais e cresce com o desejo de ser uma mulher independente, bem diferente do que sua mãe foi. Na interpretação de Monique Hermi, “De acordo com as ideias defendidas por Virginia Woolf, não devia ser muito fácil conviver com a submissão de um espírito tão criativo quanto o de sua mãe, subjugado pelo raciocínio conservador de seu pai” (CAMARGO, 2001, p. 11). A personalidade de Virginia era influenciada por seus pais, o lado criativo herdado da sua mãe e o lado crítico, de seu pai. Além de influenciar a personalidade da filha, a personalidade forte de Leslie reprimia as aptidões da esposa para desempenhar outros papéis, além de dona do lar e mãe.

Pela tradição da época, só os rapazes tinham acesso à educação, em instituição de ensino, as moças tinham que ser educadas, em casa; surge, daí, um sentimento de desgosto de Virgínia por seu pai. Mesmo percebendo a inteligência das filhas e desejo em estudar, as privou desse privilégio. Ao passar do tempo, Leslie Stephen adoece de um câncer fatal de

intestino e requer todos os cuidados de Virginia que, ainda desgostosa, cuida do pai até a morte, em fevereiro de 1904. Esse era mais um grande trauma propulsor de atitudes desesperadas, como ficar sem comer para evitar a doença ou, até mesmo, tentativa de suicídio.

Como foi impedida de frequentar a universidade, mais tarde, Virgínia se espelhava no irmão Thoby, esperança do pai para se ter um futuro brilhante, um intelectual e honesto rapaz. Esse tinha direito a frequentar a universidade de Cambridge, e, para as irmãs, restava fazer diferente do que a mãe, cada uma a seu modo, elas faziam o melhor que podiam, com o talento que possuíam, Vanessa, a pintura, e Virgínia, a escrita, como podemos ver a seguir:

De todas as mulheres que passaram pela vida dessa escritora, uma em especial teve uma participação efetiva: sua irmã Vanessa. Elas foram, de certa maneira, as sobreviventes de tantas perdas que os Stephens vivenciaram.

Virginia e Vanessa fizeram uma homenagem uma à outra através do modo pelo qual escolheram para expressar seus sentimentos: a pintura e a literatura. Vanessa sempre achou difícil expressar seus sentimentos pessoalmente. Por isso resolveu capturar a alma de Virginia através de três de seus quadros. (CAVALCANTI; FRANCISCO, 2016, p. 33)

Dentre essa cumplicidade afetiva das irmãs, Vanessa ainda era leitora fiel de Virginia e inspiração de vida, por sua força, inteligência e equilíbrio, por sua vida estável, com um casamento feliz, ao lado de um intelectual do grupo de *Bloomsbury*, e ainda uma vida profissional, como pintora, promissora. Esse grupo de *Blomsbury* reunia integrantes de diversas áreas, como pintores, escritores, críticos de artes, economistas, etc. O grupo foi originado, quando os Stevens se mudaram para esse bairro, logo após a morte do pai de Virginia. Thoby queria encontrar seus amigos da faculdade e, então, surgiu os encontros às quintas-feiras.

As duas irmãs, integrantes desse grupo, criam para si um mundo paralelo à sociedade em que viviam. Cada uma, a sua arte, faziam dela a sua vida e diferente das moças da época, casar não era a primeira opção para nenhuma dessas.

Além de ter a irmã como apoio para escrever a sua obra, Virgínia contava com o apoio de Violet Dickinson, amiga mais velha, que sempre acreditou no talento de Virgínia para a escrita. Entre idas e vindas de crise, Virgínia consegue se realizar escrevendo e, para ela, escrever é o que ela faz de mais necessário. Ao se dedicar à escrita, toda a sua infância poderia ser registrada.

Foi Thoby que a incentivou à leitura, ao lhe fascinar com histórias de Gregos e de seus muitos outros conhecimentos, Virgínia, então, logo ia vasculhar todas as informações sobre o que Thoby lhe contava, na biblioteca do pai. Desde os 13 anos de idade, Virginia já revelou seu interesse por livros e explorava a biblioteca de seu pai. No livro “Entre os Atos”, uma das personagens diz: “Depois da cozinha, a biblioteca é o aposento mais simpático da casa. - Depois acrescentara atravessando o umbral: _Os livros são o espelho da alma. (WOOLF, 2008, p. 29). O gosto pela biblioteca a levava a perceber os livros como o sustento do seu espírito e companhia para a alma. É dos livros que ela sente diferentes sensações psíquicas e físicas, tanto quanto os lê como quanto os escreve.

Além de seu irmão, seu pai, com sua biblioteca, já revelava ser um bom leitor, e também escritor, escrevia para a redação de um famoso jornal intitulado Dicionário Bibliográfico da Inglaterra e, mais tarde, publicaria uma obra bibliográfica com o nome “Ensaio de biografias Eclesiásticas”. O seu gosto por escrever biografias sutis se origina desse ponto. Ser leitor e escritor eram as duas maiores qualidades que Virginia enxergava naquele homem rude, como ela o considerava, a quem chamava de Velho.

Aos 22 anos, em 1904, ingressa em um outro estilo de escrita e escreve seu primeiro artigo científico, em *The Guardian*, dando início a seu trabalho no jornal, lhe servindo ainda como apoio financeiro. É nesse jornal que ela inicia contato com outros escritores e divide seu entusiasmo com eles, através da escrita de críticas e diálogos. As multifaces de ser autora, leitora e crítica reúnem uma só personalidade de uma mulher amante do conhecimento constante que busca equilíbrio como conforto para sua vida. E, nessa busca de equilíbrio, detêm-se a escrever seu diário e, assim, passa, ao menos, 30 anos, na escrita desse.

Rente a esse diário que, ali, se entrega, sem máscara, e revela todas as suas faces, possui, também, outro tipo de escrita: cartas. Para cada tipo de pessoa diferente, Virgínia se entregava, na escrita da arte, de forma particular. Para sua irmã, escrevia cartas, como se escrevesse seu diário, com toda leveza; para amigos, com amor; para intelectuais, mostra toda sua arte. Como explica Lemasson no seu livro biográfico de Virgínia Woolf, essa versatilidade e singularidade dessa autora:

Uma escritora imensa e uma mulher como as outras. Os ídolos não são perdoados. Temos uma imagem dela imóvel e estereotipada, ao passo que Virgínia é essencialmente inconstante, inacessível. Ela mesma reivindicará toda sua vida a coexistência de vários “eus” dentro de um mesmo indivíduo. Ao escolher a literatura, ela optou por deixar se exprimirem as mil vidas que sufocamos dentro nós. (LEMASSON, 2012, p 22)

Apesar de ser uma escritora de valor inestimável, Virgínia, antes de tudo, era uma mulher condicionada à sua época e não era apenas o que todos enxergavam. Na escrita de seus livros, conseguia ser plena e, na escrita de seu diário e cartas, conseguia expurgar suas aflições e, ao mesmo tempo, se divertir, ser leve, ter um alívio da vida e da escrita de seus romances.

Da tranquilidade de Kensigton à boemia de *Bloomsbury*

Os irmãos Stephen mudaram-se de bairro, pouco tempo após da morte de seu pai; da vida tranquila de Kensigton pelo estilo frenético de *Bloomsbury*. É nesse bairro que, ela descobre a novidade de pessoas que compartilham do mesmo interesse e busca pelo saber, elas são, em maioria, amigos de Thoby, desde, então, os encontros começam a acontecer, nas noites de quinta, com direito a bebidas, cigarros e uma vida desprendida de regras. Longe das aparências, as irmãs Stephen não usam mais vestidos longo; sentem-se à vontade para usar outros tipos de roupas. Para todos os que frequentavam esses encontros, Virgínia era adepta

da estética do grupo e da espontaneidade, como as questões eram propostas, apesar de se demonstrar ainda tradicional, como mostra a citação da divergência dela com o grupo.

A diferença entre Virgínia Woolf e o restante do grupo de Bloomsbury estava em seu compromisso com o presente, que era influenciado por sua necessidade de preservação dos laços com sua formação vitoriana, o que cria grande parte da tensão encontrada em suas discussões críticas (...) (CAMARGO, 2001, p. 64).

O comportamento de Virginia, seu feminismo, era pautado na era vitoriana, que condiz com todo o seu conhecimento adquirido, na biblioteca de seu pai, relacionado à sua classe social. A amoralidade e liberdade de expressão do grupo de *Bloomsbury* influenciava Virginia a desenvolver seu lado espirituoso e entusiasmado com a vida. Na escrita, escrevia suas críticas, em seus artigos e, nos livros, escrevia a estética artística, originada de seus encontros com *Bloomsbury*.

Ali, nascia o grupo de *Bloomsbury*, formado por jovens intelectuais e artistas britânicos; esse grupo possuía o ideal feminista e modernista, para temas pouco discutidos, no final do século XIX e início do século XX. Os temas eram vários, sugeridos, muitas vezes, pela própria Virginia, falavam de literatura, filosofia, religião, arte, política, amor, sexo e outros. Era a oportunidade perfeita para as irmãs Stephen realizarem o sonho de uma vida de estudante. Nesse grupo de rapazes, não haveria grande espaço para fomentar a sexualidade relativa às irmãs, os amigos de Thoby, em sua maioria, eram homossexuais.

Para Strathern, Virginia Woolf e seus amigos de *Bloomsbury* tinha orgulho da relação sincera e honesta que havia entre eles. Esse grupo foi bem representado, logo no início do seu último romance em: “Era uma noite de verão e, na grande sala com janelas abertas para o jardim, eles conversavam sobre a fossa sanitária. O Conselho do Condado prometera trazer água até a aldeia, mas não o fizera.” (WOOLF, 2008, p. 17). O assunto tratado pelo conselho, apesar de ser diferente da ideologia proposta por *Bloomsbury*, possui a mesma finalidade: pensar soluções para problemas vividos pela comunidade.

Nesse mesmo local, mais tarde, aparece Leonard Woolf, uma figura muito importante, na vida dessa autora. Ele era um jovem, excêntrico, inteligente, também amigo de Thoby. Leonard considerava Virginia aprazível e encantadora. Distante de ser uma paixão, à primeira vista, ele tinha medo que ela se afaste dele e ela tinha medo de um pedido de casamento, diferente de outros pedidos, não poderia recusar, pela sua idade avançada, no que se diz para se adquirir o título de mulher casada. Virginia mora sozinha, em uma longa casa e, no início, Leonard aluga um dos quartos dessa casa. O casamento para Virginia, naquele momento, era um ótimo atenuante para uma vida sem conquistas. Até ali, ela não tinha publicado nenhum livro, estava concluindo o seu primeiro romance.

Apesar da preferência por mulheres que, além de atração, encontrava nelas o consolo materno, e de não ter um desejo pelo o seu futuro marido, decide-se casar, encontrara um homem intelectualmente estimulante, embora não o fosse sexualmente também. Desde a morte da mãe, quando tinha apenas 13 anos, em maio de 1985, demonstra sentimentos homoafetivos por suas amigas. Como podemos perceber em:

Começou então a se voltar para as amigas mais velhas da família como foco das suas emoções. A mais notável delas foi Violet Dickson, uma mulher solteira e inteligente que tinha mais de 1,80 metro de altura e cultivava modos masculinos (...) Virgínia começou a escrever cartas para Violet, despejando sua sensação de inadequação social e sentimentos angustiados em relação ao pai (STRATHERN, 2005, p 17-18).

Sentimentos que foram enfatizados com o tempo e logo outra experiência traumática, a morte da meia irmã Stella, que havia assumido a responsabilidade de ser como uma mãe para os irmãos. Vivia dividida entre depressão e seus livros. Guardava, dentro de si, seu sentimento suicida. Mas sua vida foi toda de intensa luta contra depressão. A origem de tais sentimentos vem da insegurança, após perder sua mãe, em 05 de maio de 1895, por decorrência de uma crise de febre reumática. Sua primeira depressão surge desse fato. Depois, houve a perda da meia-irmã Stella após dois anos da morte da mãe. E, em 1906, sofreu mais uma perda, a do seu irmão Thoby, por uma febre tifoide, adquirida em uma viagem à Grécia. E, em seguida,

no seu casamento, houve mais uma crise, não como uma resposta a esta, mas como resultado de um acúmulo de sentimentos reprimidos.

A escrita tanto a desgastava como a aliviava de traumas relacionados a perdas e, até mesmo, sua vida sexual. A atração sexual por homens, desde a adolescência, foi marcada por traumas com a exploração de seu corpo pelo irmão Gerald e, mais tarde, abusos sexuais de outro irmão chamado George. Mesmo assim, segue o casamento e deixa claro a igualdade dos sexos, em seu casamento, ressaltando que não quer ser submissa, como sua mãe era, e como era o costume da época, como explica a citação:

No lado oposto encontravam-se as mulheres virtuosas: esposas, mães, filhas e irmãs. Sobre elas pairavam os olhares da sociedade vitoriana, vítimas do controle absoluto sobre os instintos e consideradas indivíduos que necessitavam de constante tutela. (SANTANA; SENKO, 2016, p. 192).

No seu casamento, ainda, almejava algo diferente dos demais casamentos e, não tinha ideia o quanto Leonard seria o principal estimulador para a sua escrita. Em 10 de agosto de 1912, Leonard e Virginia se casam; Leonard era judeu e Virginia uma moça burguesa da Inglaterra. Para muitos preconceituosos, essa união era imprópria. De acordo com Lemasson, “[...] A união de uma jovem da burguesia inglesa com um judeu pé-rapado intriga a maldade de alguns. [...] Muitos falaram de seu antissemitismo, esquecendo-se sem dúvida de que seus preconceitos raciais são os de sua época e de seu meio” (LEMASSON, 2012, p. 51). Para uma sociedade tradicional e preconceituosa, o que vai em contraponto do comum se torna estranho.

Pouco tempo após o casamento, ela adoece gravemente, por uma infeliz coincidência, ao tempo de seu matrimônio, pois Leonard tinha muita paciência com sua esposa e era até considerado quase como seu enfermeiro. Leonard evita o internamento dela, apesar de constatar depressão e, até mesmo, uma tentativa de suicídio da esposa, decide apenas seu cuidado até o final da vida. Leonard, com esse propósito, ao longo dos anos, também se torna depressivo e pessimista.

Ao proteger sua esposa da loucura, pelo incentivo à escrita, Leonard recebe um motivo a mais para viver, nessa troca, ambos continuavam sobrevivendo e encontravam motivos para seguir. A escrita trazia esperança para ambos que, por vezes, escreviam juntos, após conversas de seus interesses, suas ideias. A partir daí, Leonard tem a ideia de montar sua própria editora, a *Hogarth Press*, ele e Virginia iniciam, escrevendo contos e, logo mais, é com Virginia que fica a atividade de escrita e com Leonard, a atividade de leitura, e ainda conta com as ilustrações de Vanessa. Inicialmente, a editora publicava somente para seus amigos, o que logo passou a publicar livros de grandes escritores, como Freud. Leonard agora era editor de Virginia, seu suporte, segurança, eram vários em um.

Ao longo do tempo, Virginia alimentara o desejo de ser mãe. Esse desejo foi reprimido por Leonard e por alguns médicos por pensarem, mais uma vez que, seria mais um agravante para o estado mental de Virginia. Ela retrata a maternidade na cena seguinte: “-E ele começou a berrar. Esse seu filho é um covarde. Ela franziu as sobrancelhas. Seu filho não era covarde. Isa detestava tudo que fosse doméstico, possessivo e maternal. ” (WOOLF, 2008, p. 31). A personalidade forte, precisa e de cunho feminista, representava bem a autora, na obra, no que se diz se distanciar da maternidade.

A maternidade era mais um elemento para comparação de Virginia à Vanessa, mais tarde ela escreve que doou seu sangue para a escrita e Vanessa à maternidade. Sentimento esse que é mitigado, com o tempo e essa diz que não se arrepende mais de não ter tido filhos. Em crises depressivas, ainda pensava em como seria se tivesse filhos, se esses contribuiriam para a melhora de seu estado de espírito ou o agravariam, se ela continuaria com grande sucesso, em sua obra, ou teria menor sucesso, essas dúvidas ainda a perseguiram e, só após um tempo, consegue superar.

A visão que Leonard tinha de Virginia era aderida, também, por seus leitores que a enxergavam como escritora doente. O fato de ter tentado cometer suicídio agravou a visão que todos possuíam dela, as pessoas se esqueciam dos motivos que a levaram a fazer isso, e esse fato só levou ao esquecimento de que Virginia foi uma criança feliz, uma mulher alegre,

apesar de ter sofrido abusos, ela teve também momentos felizes e de pura leveza, na infância, e ainda, nos encontros com o grupo de *Bloomsbury*.

Apesar da boa intenção de Leonard em cuidar da esposa, ele acabou fazendo dela uma doente em coma. Conta nesse diário uma reflexão sobre si, em um momento de lucidez que, nesses momentos, comprova que ela possui depressão e que, quando consegue analisar tais momentos, já está em um bom caminho. A escrita, nesse diário, funcionava como alívio para sua depressão e convalescença para esse estado de saúde. No entanto, o cuidado excessivo tornou ainda mais delicado o estado de Virgínia que tem o marido como confidente, como mostra na citação a seguir, em 27 de fevereiro de 1926:

(...) Um grande contentamento_ quase sempre me sinto satisfeita com aquilo que faço, mas com oscilações constantes de humor. Acho que nunca me sinto entediada. Às vezes um pouco estagnada; mas tenho o poder de recuperação_ que já testei antes, e que agora estou testando pela 50ª vez. Ainda preciso poupar minha cabeça com muito cuidado: mas enfim, como eu disse hoje a Leonard, gosto do modo epicurista de convívio social; tragar & em seguida fechar os olhos para sentir o gosto. Entretanto existe um descobrir inquieto dentro de mim. Por que nunca há uma descoberta na vida? Algo em que se possa pôr as mãos e dizer, “É isso?” Minha depressão é um sentimento atormentado_ estou procurando; mas não é isso_ não é isso. O que é? Morrerei antes de descobrir? (...) (MESQUITA, 2018, p.296).

A indagação de Virgínia sobre o seu papel no mundo, sua pequenez como ser humano, deriva dos sentimentos perturbadores da depressão que sofria. Sem conseguir atingir a perfeição, se afunda mais na depressão. O questionamento sobre si remete a dinâmica da vida de todos os seres, em construção do seu eu e do seu mundo ao redor.

Mudaram-se de Londres para Richmond, em 1915, no início da primeira guerra da Inglaterra. O impacto e medo constante de viver, em época de tempos de guerra, poderia ser sentido por todos. Virginia demonstra consciência de que foi feliz, mesmo privada de todas as coisas excitantes que formavam a felicidade e amedrontada por tempos de guerra. Abalada por tal circunstância e sem ter prazer para fazer atividades interessantes, adocece cada vez mais. Leonard a restringe de passar muito tempo escrevendo e lendo, acreditando ser melhor para ela. Mesmo assim, Virginia escreve em seus intervalos de tempo. O centro da vida de

Virginia para Leonard era a sua doença. Era restrita de longos passeios nesse novo endereço, foi lhe tirado a escolha de ter filhos, e assim, parte do que há na vida foi negada por Leonard.

A casa que resguardava os melhores e piores momentos de Virgínia era a do número 22 da Hyde Park Gate, em *Bloomsbury*, como conta, em seu diário foi nessa casa que a mãe dela morreu, a irmã se casou e, depois morreu e, por último, nessa casa, morre também seu pai. Vivia atormentada pela fugacidade da vida, instaurou um temor constante de perder as pessoas que ama. A morte permanecia rente a sua obra, não podia ser diferente, por ter tido perdas constantes, em poucos anos.

Semelhanças da obra “Entre os Atos” e Virginia Woolf

Quatro anos após a morte de seu grande amigo: Roger Fry, Virginia foi convencida por alguns membros de *Bloomsbury* a começar a esboçar um novo livro que seria a biografia desse grande pintor, que foi apaixonado pela sua irmã Vanessa e membro do grupo *Bloomsbury*. Nesse intervalo da escrita da biografia de Roger, como um descanso, começa a esboçar o livro “Entre os Atos”, como escreve em seu diário, suplica a si mesma que esse livro seja leve e, assim capaz de ser um alívio da intensa escrita dessa biografia.

Não apenas para descansar do peso de escrever uma biografia, mas o verdadeiro motivo para a escrita de “Entre os Atos” foi uma resposta não violenta à Segunda Guerra Mundial. A poesia, canção e prosa, entrelaçada nesse texto descreveu indiretamente memórias da vida de Virginia. Esse livro foi escrito com diversas interrupções externas, desde o barulho de aviões até o estrondo de bombas.

O livro “Entre os Atos” uniu a visão histórica do período de Segunda Guerra Mundial que a autora atravessa à visão poética. Em 25 de julho de 1926, registra, em seu diário uma cena de alguns anos, após a Primeira Guerra: [...] Certa noite, houve um ataque aéreo quando estávamos na casa de Barrie. Ouvimos apenas um estourinho a distância_ Os holofotes eram lindos. Pensei se uma bomba caísse agora nesse apartamento quantos escritores se perderiam

[...]. (MESQUITA, 2018, p. 333). Mesmo depois de encerrada a Primeira Guerra Mundial, as ameaças de novos conflitos de guerra eram constantes.

Quando os Woolf decidem sair, em férias, para a Holanda, Alemanha e, na volta, Roma para encontrar a Vanessa, irmã de Virginia, em 1935, a Segunda Guerra estava eminente. Virginia é motivada em buscar algumas informações que fomentem sua escrita antifascista, apesar de Leonard temer por essa situação. Diferente da tranquilidade da Holanda, a Alemanha já anunciava, com toda tensão, o início da guerra. Em 1937, perto de Barcelona, morre seu sobrinho Julian Bell, alistado a medicina de combate a guerra. Virginia se orgulhava da sua vontade de combater o fascismo, na Europa, no entanto, como qualquer outra pessoa, tinha medo da Guerra. Julian também compartilhava o interesse pela literatura e Virginia conversava com ele, sobre livros, assim como conversava com seu irmão Thoby, ela se arrepende de não o ter incentivado, como poderia, a escrever. Deixando o arrependimento de lado, presta apoio à irmã.

Durante essa Guerra Civil, escreve um panfleto antifascista, sem pensar em possíveis retaliações do governo opressor, ainda se engaja em *Vigilance*, um comitê antifascista. Sente-se sozinha, por que tem amigos de *Blomsbury* e até Leonard, apáticos às manifestações contra a guerra. Concomitante sente-se livre, pois é a primeira vez que consegue prosseguir sozinha, com sua própria ideia, sem se preocupar tanto com a opinião de outros. Sua vontade de manter a concentração, na escrita, lhe dá suporte para superar os próximos meses na Inglaterra. Seus pensamentos, em morte, são cada vez mais frequentes, por estar cercada com a guerra, nos países vizinhos.

Mesmo vivendo nessas circunstâncias, Virginia quer deixar de ser deprimida, e quer prosseguir a vida. Ela escreve então uma frase no livro: [...] “Esse é um benefício que a guerra nos trouxe...dias mais longos” (WOOLF, 2008, p. 118). Virginia quer continuar a escrever, a fim de ocupar seus pensamentos, ainda que em tempo de guerra.

Com o passar do tempo, a situação se torna insustentável, e Leonard pensa em suicídio e encoraja Virginia a fazer o mesmo. Como denota Mesquita “[...] Além disso ela e Leonard, cientes do tratamento que os judeus vinham recebendo em outros países, haviam planejado

suicidar-se, na garagem de sua casa em Rodmell, deixando o motor do carro ligado [...]” (MESQUITA, 2018, 179). Virginia ainda resiste à ideia, querendo viver o suficiente para concluir seus projetos, ainda que corra o risco de ser morta pelos constantes ataques aéreos da região onde morava. Os lugares que Virginia morava ou frequentava estavam sendo atingidos. O bombardeio em Londres se tornou um terrível acontecimento na vida de Virginia, como se tudo que formou sua identidade se reduzisse às cinzas desses lugares que ela viveu e escreveu. A casa em que ela morou quase a vida inteira, em Tavistock Square, foi bombardeada e Virginia foi, alguns dias, depois recolher o que poderia ter sobrado. Tudo é um completo vazio, até mesmo escrever o diário não era suficiente para aplacar a devastação de uma guerra e desolação de sua vida. Em algumas passagens, a menção à guerra é bem marcada. Na passagem, a seguir, é a entrada do rei e da rainha da Inglaterra na peça encenada como a história da Inglaterra e, da guerra.

Era uma valsa? Algo vagamente conhecido. As andorinhas dançavam ao ritmo dessa melodia. Voavam girando. Andorinhas de verdade. Avançando e recuando. E as árvores, ah, as árvores, eram graves e apaziguadas, como senadores num Conselho, ou como pilares numa nave de catedral... Sim eles barravam a música que se acumulava e se amontoava, e evitava que essa coisa fluída transbordasse. As andorinhas- ou eram martinetes? Os martinetes que povoavam o templo, que desde sempre vieram... Sim, pousados na parede, pareciam anunciar o que o *Times* dissera ontem. Lares serão construídos. Cada apartamento terá um refrigerador embutido num nicho da parede. Cada um de nós será um homem livre. Haverá máquinas para lavar louça. Nenhum avião nos amedrontara. Tudo será liberado, tudo unificado... (WOOLF, 2008, p. 168).

No meio desse caos instaurado na Europa, no início de 1941, Virginia termina “Entre os Atos”. Esse livro exigiu muito esforço e sua saúde mental estava ainda mais prejudicada por todas as invasões nazistas. Nessa época, Virginia entra em contato com seu editor John Lehman que, com Leonard, dirigia a *Hogarth Press*, para entregar o manuscrito. Na opinião dela, o livro era superficial e tinha medo que não tivesse grande sucesso como a biografia de Roger Fry. Lehmann acredita no livro e anuncia a publicação.

Virginia continuava lutando para se manter viva numa guerra nazista. Escreve duas cartas; uma para a irmã e a outra para Leonard. Por mais que lutasse, ela já não consegue mais

escrever como antes, enxergava sua loucura e, no dia 28 de março de 1941, aos 59 anos, decide jogar-se no rio Ouse, próximo da sua casa de campo, em Rodmell e não tão próximo de Londres. Apenas a carta para Leonard sintetiza toda a despedida de Virginia. Encerramos com o trecho dela aqui, escrita no prefácio de “Entre os Atos”:

Querido, Tenho certeza de que estou enlouquecendo de novo. De modo que estou fazendo o que me parece melhor. Não consigo mais lutar. Sei que estou estragando a sua vida e que sem mim você poderá trabalhar. Você foi absolutamente paciente comigo e incrivelmente bom. Se alguém pudesse me salvar, teria sido você. E termina: “Não creio que duas pessoas tenham sido mais felizes do que nós fomos” (WOOLF, 2008, p. 08).

Considerações finais

Uma análise sobre a vida de Virgínia Woolf, feita nesse trabalho, corrobora com os fatos revelados da biografia da autora, no livro “Entre os Atos”. Sendo assim, as semelhanças do livro com a vida de Virgínia nos levam a crer que o romance é uma forma velada, utilizada pela autora para escrever sobre si. É válido ressaltar que concomitante ela escrevia a biografia do seu amigo Roger Fry e, assim, descansava a mente escrevendo esse romance. Em outros romances, é possível identificar alguns personagens representando a família de Virginia, e até a própria Virginia. Não citaremos tais romances, mas atentando para essa informação em ““Entre os Atos”” é predominante esses aspectos biográficos.

Conhecer a biografia de um autor e reconhecê-la, em sua obra, é oportunizar uma compreensão aprofundada sobre o autor e sua obra. Ler uma biografia, mesmo sintetizada, nos permite adentrar no contexto da obra. Nesse sentido, pesquisar uma biografia agrega conhecimento ao leitor de um escritor e fomenta a curiosidade para serem pesquisadas as suas obras. Perceber os traços biográficos de Virgínia na obra “Entre os Atos” assegura a literatura como fonte histórica para estudo do contexto social, datado na época, no caso, inclui a era vitoriana e registros da Primeira e Segunda Guerra Mundial.

Complementamos por dizer que, nessa pesquisa, a escrita de Virgínia Woolf foi depreendida por tal paradoxo: dor e cura. O cansaço mental e a preocupação de receber críticas culminavam em crises depressivas e stress. Porém, era uma atividade criativa na qual impunha ao cérebro uma razão para usar toda a sua inteligência. Quando ela escreveu “Entre os Atos” usou dessa escrita como alento da responsabilidade de escrever uma biografia de um amigo.

Enfim, o estudo realizado conseguiu propor a relação intrínseca entre biografia do autor e obra. A biografia aqui percebida como ponto crucial para uma leitura reflexiva. Ainda, a leitura da obra, em si, propôs ao leitor a alcançar níveis mais elevados de interpretação, a biografia, nesse estudo, serviu como elo entre leitor, obra e autor. Demonstrou a relevância de associar a biografia à obra, e de qual modo isso contribuía para tornar o leitor atento à história e à sociedade apresentada no livro. A escrita vista como outra atividade que requer moderação, precisava de tempo para dedica-la e, sendo, assim poderia cumprir o seu papel motivador e animador para uma mente brilhante. Muitas pesquisas sobre biografia foram feitas, porém diferentes visões sobre esse tema inserem novas perspectivas e reflexões sobre o conceito de biografia.

Referências

CAMARGO, Monica Hermini de. **Versões do feminino: Virginia Woolf e a estética feminista**. 150f. Dissertação (mestrado em Letras Modernas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CAVALCANTI, R. A; FRANCISCO, A.L. Virgínia Woolf e as mulheres. **Gêneros**, Niterói, v. 17, n.1, p. 27-49, 2016.

DOI: <http://doi.org/10.29327/232521.9.1-4>

LEMASSON, Alexandra. **Virginia Woolf**. Tradução: Ilana Heinberg. Porto Alegre, RS; L&PMPocket, 2012. Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-virginia-woolf-alexandra-lemasson-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em 14 de out. 2019.

MESQUITA, Ana Caroline de Carvalho. **O diário de Tavistock: Virginia Woolf e a busca pela literatura**. 650f. Tese (doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTANA, Luciana Wolff Apoloni; SENKO, Elaine Cristina. Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, v. 1, n. 10, p. 189-215, jun. 2016.

STRATHERN, Paul. **Virginia Woolf em 90 minutos**. Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

WOLF, Virginia. **“Entre os Atos”**. Tradução: Lya Luft. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2008

Submetido em: 30/05/2021

Aprovado em: 10/09/2022